

# O Patriarcado como substrato para as disposições sobre a mulher no foral, uma nota introdutória<sup>1</sup>



© João Ferreira Dias, PhD.  
Centro de Estudos Internacionais-ISCTE  
Centro de História da Universidade de Lisboa  
European Center for Populism Studies, Brussels  
[jbfds@iscte-iul.pt](mailto:jbfds@iscte-iul.pt) | <https://joaoferreiradias.net>

[A noção de Patriarcado tem, em primeiro lugar, um substrato religioso. Ela começa com os povos nómadas e a atividade pastorícia. Ao contrário dos povos agrários, onde a terra é concreta e de onde se obtém alimento, e por isso ela é cultuada como sagrada e útero da vida, portanto e sobretudo feminina, os povos nómadas tinham por constante o céu, concebido como masculino, a metade superior do equilíbrio céu-terra. Os hebreus, sabe-se, eram pastores nómadas. Abraão, considerado o patriarca do judaísmo, conduzia o seu rebanho pelo Médio Oriente. O mesmo sucede com Moisés, que liderou os hebreus na fuga do Egito e na jornada rumo à Terra Prometida. Esta dimensão pastorícia está presente na linguagem simbólica do Judaísmo e dos Cristianismos, com as imagens do “pastor”, do “rebanho” ou do “cordeiro sacrificial”. A formulação celeste do sagrado origina o *Deus Pater Otiosus*, quer dizer, o “Deus Pai e remoto”, cujo itinerário teológico é complexo e resulta de um conjunto de elementos externos da região do Médio Oriente, como, por exemplo, o culto de Baal na Suméria, no sul da Mesopotâmia.

A partir dessa dimensão patriarcal do sagrado, desenvolveu-se uma cultura judaica de patriarcado, na qual os homens detêm o poder e a autoridade. Com efeito, o patriarcado no judaísmo é passível de ser rastreado até aos primeiros livros da Torá, que descrevem a criação do mundo e a história dos três patriarcas: Abraão, Isaac e Jacó. A patrilinearidade estabelece-se a partir desse referencial, uma vez que Deus escolhe homens para liderar o seu povo, fazendo da linhagem masculina sagrada e abençoada.

---

<sup>1</sup>O presente texto (cedido pelo seu autor) resulta da introdução feita no âmbito das Comemorações do Foral de Benavente, de 2023, organizadas pela Junta de Freguesia de Benavente, e que precedeu a palestra sobre “A mulher nos finais da Idade Média”, proferida pela Professora Doutora Ana Maria Rodrigues, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

As mulheres, por sua vez, são frequentemente retratadas como subordinadas e dependentes dos homens. Assim, os papéis de género no judaísmo tornam-se determinados e estanques, sendo que o papel das mulheres se encontra disposto na Halachá, ou seja, um conjunto de leis e costumes que estabelecem as normas sociais, a Lei Judaica, contendo as restrições femininas em áreas como o casamento, a herança e o testemunho legal, bem como regras restritas de pureza sexual. Estas disposições impactam negativamente na vida das mulheres judias, limitando a sua participação na vida religiosa e pública, submetendo-as a uma situação de dependência face aos homens.

## **A MULHER NO CRISTIANISMO**

Esta dimensão é transposta ao cristianismo, embora no catolicismo, do ponto de vista cosmológico, seja mitigado pelas figuras das santas e da Virgem Maria, que serviram de instrumento de conversão dos povos europeus dos cultos ditos “pagãos” ao cristianismo. Em rigor, no dito Cristianismo primitivo e nos primórdios da sua disseminação, as mulheres eram vistas como líderes, exercendo papéis de destaque como evangelizadoras. Alguns exemplos incluem Maria Madalena, que foi a primeira a ver o Cristo ressuscitado, e Priscila, que junto com seu marido, Áquila, ajudou a fundar igrejas em Corinto e Éfeso. Todavia, a organização e hierarquização do cristianismo, conduziu à progressiva exclusão das mulheres, paulatinamente reforçando o patriarcado e a inferiorização daquelas, afirmando-se como mecanismo especial de reforço do poder nos homens. A passagem bíblica de Eva tornou-se instrumento privilegiado para todas as formas de exclusão das mulheres da Igreja e progressivamente do poder nas sociedades cristãs. Desse modo, o patriarcado cristão foi essencial na manutenção de uma situação de submissão das mulheres. Reconhecendo o papel crucial da Igreja Católica na formação da cultura portuguesa, influenciando os valores, normas morais e o Direito, ela impactou na vida das mulheres portuguesa durante séculos, cujos efeitos ainda se fazem sentir em assuntos como a violência doméstica ou as diversas formas de desigualdade. Isto deve-se, sobretudo, à promoção de uma visão estereotipada e limitada do papel das mulheres na sociedade, retratando-as principalmente como esposas e mães, e enfatizando sua submissão aos homens. Embora tivesse chegado até nós, em Portugal, por via do Estado Novo, a verdade é que ela atravessou toda a Idade Média até ao século XX, desde a queima de bruxas até à proibição de direitos políticos e educativos, como seja, o impedimento de voto e de acesso a educação formal. Desse modo, as mulheres estavam reservadas a um papel reprodutor e de cuidado da família.

## **A MULHER NO FORAL**

Quando olhamos as Cartas de Foral, encontramos disposições sobre as mulheres que informam aspetos como coimas diferentes e mais pesadas face às previstas para os homens. Ao olharmos para o Foral Antigo de Benavente (1200), encontramos disposto

que em caso de abuso sexual por parte de homem, cabe à mulher o ónus de provar, através de testemunho abonatório de três homens, que o facto sucedeu, e no caso dela não ter quem o faça, basta que o acusado jure não ter cometido o ato e ficará isento de “calúnia”. Noutro exemplo, o homem que quebre o sinal, i.e., a caução do ato nupcial, pagará um soldo ao juiz, enquanto a mulher que fuja ao marido de bênção terá de pagar trezentos soldos e uma sétima ao palácio.

## O EXCECIONALISMO ABRAÂMICO

As três grandes religiões monoteístas, derivadas de Abraão, configuram um excecionalismo teológico, cosmológico e social em relação à simbologia feminina. Embora o catolicismo tivesse sabido mitigar esse processo através da valorização dos cultos das santas e da Virgem Maria, não deixou, todavia, de ser uma religião com forte exclusão e constrangimento do papel da mulher. Das mais antigas comunidades humanas aos mais variados espaços geográficos do globo, que inclui a Europa pré-cristã, as religiões sempre colocaram a mulher num papel de relevo, umas vezes acima dos homens, outras numa dimensão de complementaridade que acompanha a Natureza. Com efeito, a visão da mulher e do sagrado feminino a partir de categorias como “virgindade”, “recato”, “submissão”, configuram um forte excecionalismo face ao sagrado feminino por todo o planeta, contrariando as visões empoderadas, guerreiras, coléricas e sexualizadas das mais variadas deusas.

]

### BIBLIOGRAFIA DE APROFUNDAMENTO

- Antunes, A. M. (2014). *Women and Judaism: New Insights and Scholarship*. Praeger.
- Avishai, O. (2016). *Women and the Messianic Heresy of Sabbatai Zevi: 1666-1816*. Littman Library of Jewish Civilization.
- Berg, M. J. (2013). *The gendering of Christianity: Dante and the medieval debate over the female sex*. University of Notre Dame Press.
- Baring, A., & Cashford, J. (1991). *The myth of the goddess: Evolution of an image*. Penguin Books.
- Brock, R. A. (Ed.). (1996). *Women in Christianity: The first thousand years*. Oxford University Press.
- Christ, C. P. (1997). *Diving deep and surfacing: Women writers on spiritual quest*. Beacon Press.
- Frauenfelder, I. (2002). *Women in the Church: A Historical Survey*. Liturgical Press.
- Gevehr, D. L., & de Souza, V. L. (2014). As mulheres e a igreja na idade média: misoginia, demonização e caça às bruxas. *Revista Acadêmica Licencia&acturas*, 2(1), 113-121.
- Gimbutas, M. (2001). *The living goddesses*. University of California Press.
- Harding, E. (1980). *Woman's mysteries: Ancient and modern*. Rider & Company.
- Hertzog, M. (2008). *Women in the Bible*. Eerdmans Publishing.

Hudak, J. J. (2012). *Women and the Vatican: An exploration of official documents*. Lexington Books.

Kagan, R. L. (1995). *Surrogate Mothers: Jewish Law and the Production of Children*. Transaction Publishers.

Meltzer, F. (1995). *Studies in the Patriarchal Narratives*. Eerdmans Publishing.

Noble, V. R. (1999). *Shakti woman: Feeling our fire, healing our world*. HarperOne.

Ruether, R. R. (1974). *New woman/new earth: Sexist ideologies and human liberation*. Seabury Press.

Ruether, R. R. (2013). *Christianity and the making of the modern family*. Beacon Press.

Salgado, T. P. (2015). *Women, Gender and Radical Religion in Early Modern Europe*. Brill.

Sjoo, M., & Mor, B. (1987). *The great cosmic mother: Rediscovering the religion of the earth*. HarperCollins.

Starhawk. (1999). *The spiral dance: A rebirth of the ancient religion of the great goddess*. HarperOne.

Stone, M. (1976). *When God was a woman*. Harcourt Brace Jovanovich.

Walker, B. (1983). *The woman's encyclopedia of myths and secrets*. HarperCollins.

Wacker, G. (2004). *Taking back the word: Reclaiming the Bible for a non-fundamentalist world*. Westminster John Knox Press.